

TRIBUNA Livre

20
AGOSTO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

Celebrações Henriquinas

Do Finisterra ao Sacro Promontório

Pois foi, mediante doloroso e prolongadíssimo tirocínio, sacudido desde os fundamentos da Raça pela constante aluvião de outros povos e gentes estranhas, que também acordaram do seu torpor e sono de isolamento, que a Lusitanidade, ao cabo de muitos séculos, se achou habilitada de dar do que recebera.

É função natural o transmitir-se pelas mesmas leis a vida, a luz e os ensinamentos que se recebem; anda-lhe intimamente ligada, mais que do prazer, a noção do trabalho e do sofrimento. Quando depois se atinge a ancianidade, acresce a glória de uma Nação rever-se e orgulhar-se na adolescência dos filhos nados e criados como a satisfação dos mestres pelos seus discípulos.

Tendo dado nos campos de Aljubarrota, onde foi desafiada a prestar a prova máxima da sua firme independência e robustez moral e física, a lusa Gente lançou-se no caminho da sua maior nobilitação. Aí não vingou a ambição de Castela estorvar-lhe os destinos providenciais. Antes, porém, correu para que num passo e momento solene se lhe desen-

volvesse a consciência do grande poder realizador que alcançara. Foi a mais dura experiência das muitas que tinha suportado, mas houve nela com a intrepidez dos seus heróis e levantou-se com uma alma nova.

Donde será possível brotar um Nacionalismo tão porfiado e debatido como este que, entre a terra apetecida de tantos povos e o mar povoado de fantasmas, se gerou e robusteceu pelo cimo das montanhas da velha Lusitânia, reagiu já em guerra acesa e desesperada contra as legiões de Roma; subjogado a custo, nunca deixou de singrar por entre mil dificuldades e erguer a fronte cada vez mais alto à luz da história em meio das revoluções de quantos povos assolaram a Espanha?

Tem-se estudado afincadamente as causas e origens do nacionalismo português; buscardo muitas vezes a sua razão de ser em torno dos primórdios da Nacionalidade, cerca da paz de Tui ou do tratado de Samora, mas essas raízes adventícias não foram senão ocasionais produto de batalhas ou da guerra, que não gera naciona-

Continuação da 5.ª página

Falecimento

Padre Manuel Joaquim Alves da Lomba

Faleceu o Abade de Carracedo. Finou-se uma das figuras mais salientes do nosso concelho, quer como membro do clero, quer como simples cidadão.

Figura prestigiosa, tornou-se conhecido pela clareza e apego aos ideais que sempre serviu e defendeu e que nos tempos conturbados que o País viveu o levaram a ausentar-se, intransigente na dedicação à Causa Monárquica que foi o seu grande amor.

Sacerdote exemplar e amigo dos seus paroquianos tornou-se um dos mais famosos oradores sacros da nossa região, pela sua rara eloquência e facilidade de exposição, o que o fazia escutado e admirado pelas pessoas mais cultas e distintas.

Trato fino e lhano a sua figura despertava simpatia e era querida em todas as casas de respeitabilidade, contando

muitos amigos nas esferas mais altas, servindo-se dessas amizades para proteger os mais humildes e necessitados.

Dedicado admirador das artes e das letras—ele próprio escritor de bons recursos—consagrava o maior carinho ao egrégio Sá de Miranda que se encontra sepultado na sua Igreja e foi o mais denodado pugnador para que se lhe ergue-se um monumento e se cuidasse do túmulo dado ao abandono.

A ingratidão dos homens, a incompreensão e a renúncia para com tão merecida homenagem fizeram-no crer que não veria o resultado dos seus esforços, não obstante lhe dizermos sempre que esperávamos a sua presença na consumação do esforço comum.

Tinha ele razão. Na consciência dos homens, como

(Continua na 4.ª página)

Legião Portuguesa

Do jornal «O Debate» transcrevemos, goslosamente, o seguinte:

Pelo que temos ouvido dizer esta organização vai ser totalmente reorganizada, tornando-se mais eficiente na luta contra o comunismo. Para isso, proceder-se-á ao seu apetrechamento militar e elevamento das condições sociais dos seus alistados.

Própriamente, não é isto que de momento queremos realçar, mas que no acto de posse da nova Junta Central

(Continua na 6.ª página)

As Festas em Honra de N. S. da Abadia

Decorreram com o maior brilhantismo e desusada concorrência as Festas em honra de Nossa Senhora da Abadia que se venera no seu histórico mosteiro da freguesia de Santa Maria de Bouro, deste concelho.

Tal como se vem verificando de há anos para ano é cada vez maior a concorrência de fieis, prova de que a devoção aumenta ao mesmo tempo que se verifica que as obras de embelezamento do famoso Santuário se vão fazendo não obstante os reduzidos rendimentos de que a Mesa dispõe.

Um novo coreta, nova casa do guarda florestal e nova estrada para a sítio das aparições, além de um bem arrumado largo dão-nos a certeza de que não cessam os cuidados dos que têm a seu cargo o secular Mosteiro Mariano.

A estrada de acesso apre-

Cobrança dos C. T. T.

Verifica-se que grande parte das contas a cobrar pelos C. T. T., especialmente as das taxas dos telefones, mesmo quando referem à estação da Feira Nova, são cobradas pela estação de Amares.

Em muitos casos as pessoas são avisadas para se deslocar a Amares para ali pagarem quando o podiam fazer a poucos metros de sua casa. Isto causa grandes inconvenientes não se vislumbrando porque há interesse em retirar a cobrança da estação a que preste com manifesto prejuízo dos interessadas.

As nossas belezas

e a estrada do Gerez

Quando, num rebate de consciência, porque um jornal local tem graves responsabilidades, nos preparavamos para mais uma vez, vir às colunas deste semanário, levantar e criticar asperamente o problema da estrada Caldelas — Amares — Gerez, que está péssima em 2 grandes lanços, e numa Zona de turismo por excelência que há-de ser das primeiras do País, surge no «Comércio do Porto, em correspondência de Viana do Castelo, em artigo, que,

a seguir transcrevemos, neste número, sobre as belezas sem par de toda a Zona — Caricada — Gerez, dando razão às apreciações que aqui temos feito, sobre as belezas invulgares desta região.

Foi pena que o autor do artigo, embora dis-o se viesse a arrepender devido ao estado lamentável do piso da estrada, não tivesse percorrido a verdadeira Zona de categoria turística que antecede e completa a de Caricada, a tra-vez do concelho de Amares, e sobretudo se passa-se por Caldelas.

Vê-se nitidamente que o autor é pessoa viajada e conhecedora dos mais importantes e discutidos pontos turísticos internacionais, pela apreciação justíssima que faz. O seu encantamento vai a tal ponto que o autor depois de fazer várias sugestões e dar alguns alvires muito judiciosos sobre o que se devia fazer, acaba por pedir, quasi implorando o visitem pelo menos a Caricada, e o resto virá.

Mais um promenor ressaltou logo a nossa observação. É que além de pessoa competente trata-se de um Vianense, filho duma das mais belas

Continua na 6.ª página

Continua na 5.ª página

Tratados de papel

e tratados de coração

Por António Maria Zorro

— Numerosos foram, como é natural, os discursos proferidos durante a visita do Presidente dos Estados Unidos do Brasil, nas cerimónias realizadas em sua honra ou naquelas em que tomou parte—cerimónias, aliás, inesquecíveis, pelo brilho que tiveram, pelo significado de que revestiram, pela projecção que alcançaram. O público anónimo, que por temperamento e saturação revela geralmente apreciável alergia em matéria de discursos, desta vez abriu larga excepção e escutou—escutou sempre com interesse, escutou até com emoção—esses discursos que de manhã à noite lhe entravam em casa no emprego ou no «ca-

fé», através da Rádio ou dos televisores.

O primeiro discurso foi o que ao seu hóspede insigne o almirante Américo Thomaz dirigiu, no banquete do Palácio da Ajuda, e no qual, depois de lembrar tudo o que tem sido, até hoje, prova do afecto de Portugal pelo Brasil, sublinhou esta clara verdade:

«A nação portuguesa, espalhada pelo mundo, sente energia bastante para continuar. Por isso não cedemos, não abdicamos, não transigimos perante contingências transitórias, que são mero acidente de uma vida. Projecção de Portugal nas Américas, projecção do Brasil nos quatro can-

Continua na 4.ª página

TRIBUNA FEMININA

Entre nós, mulheres...

A «Jolie Madame» de Balmain continua a ser uma lindíssima mulher

Mais do que uma moda nova, vamos ter, para 1961, uma mulher diferente. À primeira vista as colecções pouco diferem das estações anteriores. Apenas as saias são um pouco mais compridas, a cintura um tudo nada mais descida, os ombros um pouco mais arredondados. E de todos esses poucos sai, na verdade, uma mulher bem diferente da actual. A que aí vem parece-se imenso com a estrela de cinema dos anos que mediarão entre 1925 e 1930.

Velhas palavras esquecidas vão ter lugar proeminente nas revistas de modas: os nossos dezasseis, os nossos dezoito anos estão aqui como que a fazer-nos acreditar que o tempo não rolou e só muitas das ilusões se perderam. São os tecidos, são as cores, são as guarnições dos anos mais doces da juventude que lá vai. A silhueta esguia; o chapéu colocado à direita e tapando, quase por completo, os cabelos; a nuca rapada numa cabeça pequenina, que surge de dentro da farta gola de pelo; o vestido de crepe da China; o casaco-envelope que a mão fecha num gesto friorento; as barras de pele guarnecendo as bainhas de casacos e vestidos «de mais vestir» — tudo nos faz lembrar uma moda que então nos enlouqueceu.

Pierre Balmain adoptou, de há muito, o nome de «Jolie Madame» para a sua colecção. Mais uma vez, este ano, o nome se confirma, pois a sua «passagem» mostrou um conjunto de modelos equilibrados, muito discretos — embora, na sua maior parte, luxuosíssimos. Diz-se que a sua viagem ao Oriente (fez aí 72 conjuntos para a Rainha Sirikit, do Sião, vestir na sua viagem à Europa) influenciou muito a colecção, que está cheia de luxuosos brocados onde o ouro e a prata cantam sobre os verdes e sobre os azuis.

Os «tailleurs» de Balmain têm as saias quase tubulares e os casacos bem compridos. Vão, pelo menos, até à altura das canas e, muitas vezes, mesmo até aos 7 oitavos das saias. São franzidos, na cintura, por meio de um largo cinto de couro. Os decotes estão guarnecidos com peles de marta, de leopardo ou de uma nova qualidade, branquíssima, de pelo muito encaracolado, vinda da Mongólia e que se chama, por isso mesmo, «mongolesa».

Os casacos seguem duas tendências nesta colecção. A primeira é de corte «fourreau», elegante como uma coluna e que fecha à frente de uma

forma absolutamente original, face com face. A outra é de corte muito «a direito» e tem as duas costuras do lado abertas. Um debrum de tecido, em cor bem contrastante, remata estas aberturas, a gola e os canhões da manga.

Os vestidos Balmain são cortados a «fio direito», mas as saias têm apanhados artificiais, que de resto, sempre usam quando os tecidos se chamam crepe da China, malha de seda, crepe «marocain» ou «jersey». Há conjuntos de três peças que permitem à elegante estar preparada, com o mesmo dinheiro, para assistir a qualquer espécie de reunião.

É, porém, nos vestidos de noite que Balmain traz para a Europa o luxo do Oriente longínquo. Há, em toda a colecção, a beleza, a graça, a fragilidade de porcelana das mulheres siamesas. Os bordados a ouro ou a prata cobrem, quase inteiramente, alguns dos seus vestidos. Por cima deles há delicados casacos de setim, mas sempre em côr ou tom contrastantes com o do vestido. Por exemplo: sobre um modelo de veludo, cor de violeta, coloca Balmain um casaco de setim azul-turquesa; sobre um brocado de prata destaca-se um setim amarelo-tangerina; e um casaco de veludo côr de terracota mostra, ao abrir-se, um lindíssimo vestido em brocado de ouro.

Como já dissemos, além do crepe da China, ressuscitaram o crepe «romain», a «duvetine» e a malha de seda, a bela e esquecida malha de seda de há muitos anos. Com eles vieram também os tons de «bois de rose», de malva, de «prune» e de... «tête de nègre». Nomes velhinhos de cores há muito postas de lado e que voltam agora com a moda que se inspirou na que usaram a Mariène e a Lilian Harvey. Olhamos, agora, para estes nomes levemente enternecidos, mas daqui a uns escassos meses, temos a certeza, eles vão-nos prender, vão-nos enfeitar com a mesma facilidade com que nos prenderam, com que nos enfeitaram há trinta anos e mesmo há trinta e cinco anos.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Visado pela Censura

Como festejar o aniversário de sua filha

Para as mães, representa por vezes um problema, o facto de desejarem oferecer uma pequena recepção no dia do aniversário dos filhos. Pois bem, vamos ajudá-la a organizar o seu programa para tal, sem atrapalhões nem contratemplos. Dois factos entre outros, desejamos lembrar-lhe desde já, pois representam muito, para a pequenina aniversariante. Primeiro, convidar crianças, visto que só assim a festa será alegre e divertida, segundo oferecer brinquedos (nada de coisas úteis)... que as crianças não apreciam, terceiro comprar um vestido novo, sapatinhos etc., de maneira a que a criança se sinta o alvo das atenções e seja cumprimentada pela sua «toilette». Isso é tornar a menina vaidosa, dirão muitas mães, mas não é tal, digamos antes que é tornar a criança feliz, pois ao ver chegar as amiguinhas com os seus melhores trajes, não se sente inferiorizada perante elas. Claro que o vestido da aniversariante, deve ser próprio para a sua idade, realizado em tecido lavável, bordado inglês popeline, piquet, organza etc. Convirá caso não tenha jardim, preparar uma sala onde as crianças possam fazer jogos, dançar e divertirem-se à vontade, essa sala poderá ser enfeitada com balões, enfeites de papel, flores etc.

Se tiver jardim será aí que é mais conveniente servir a merenda às crianças, seja numa mesa grande ou em mesinhas pequenas. Toalhas coloridas e alegres cobrirão as mesas, onde se colocarão taças com flores.

Poderá servir, por exemplo: flans e sobremesas, geladas, sorvetes, refrescos vários. O bolo da aniversariante será coberto de «glace» branco e levará as velas correspondentes aos anos que a criança completar. Serão também servidas sandes de fiambre, queijo, salsichas e paté. Risóis pequeninos, croquetes, e pastelinhos folhados com recheio de carne ou camarão, frangos assados, bifes de vitela panados, filetes de pescada etc. Quanto maior for a variedade, mais interessante ficará a mesa. Doces variados, salada de frutas, etc., completarão a merenda. As pessoas crescidas poderão ter uma mesa à parte, mas as crianças apreciarão talvez mais estar em franca camaradagem com os pais, padrinhos e pessoas amigas. Para divertir os seus pequenos convidados, organize jogos de prendas, danças

Culinária

Pratos Simples

Uma refeição sadia e bem combinada — e terá feito a felicidade dos seus! É evidente: de uma alimentação adequada depende não sómente o bem estar físico, mas também, muitas vezes o espiritual.

Uma sábia combinação dos diversos pratos de uma refeição, não é tão fácil e oferece, não poucas vezes sérias dificuldades. Sejam as nossas refeições principais, almoço e jantar, variados nutritivos e de fácil digestão. A variedade na alimentação, no gosto e na cor de cada prato é de grande importância. O instinto inato auxiliará a dona de casa, é mister que haja esmero no arranjo dos pratos, por mais simples que eles sejam.

Vamos fornecer duas ementas uma de almoço outra de jantar, que apesar de simples, irão ser apreciadas pelos seus familiares.

Almoço:

Sopa de cenouras
Bolinhos de carne
Pudim de pão e queijo
Salada
Torta de Linz

Jantar:

Sopa
Rolos de carne de porco
Tomates com molho
Arroz
Pudim de ovos com maçãs

Sopa de cenoura: Cenouras, 2 batatas, cebolas, sal e pimenta. Refogam-se no azeite, as cebolas, juntando-se depois as cenouras partidas. Tapa-se bem a panela. Depois de refogarem 5 a 6 minutos, junta-se água, sal e pimenta e deixa-se ferver meia hora, acrescentando então as batatas partidas. Quando tudo estiver bem cozido, passa-se pelo passador. Leva-se a sopa a ferver mais alguns minutos e serve-se.

Bolinhos de carne: 200 grs. de carne de vitela, 200 grs. de carne de vaca e 100 grs. de carne de porco, 1 colher de margarina, 1 cebola, pão embebido em leite ou água, sal e um pouquinho de noz-moscada. Passam-se as diferentes carnes na máquina. Refoga-se a cebola em gordura quente, juntam-se sal e

de roda, e até uma animada «gincana» com pequenos prémios aos vencedores das provas.

Planeie a sua festa com tempo, não descuide os pormenores aqui apontados e esteja certa que verá brilhar de alegria os olhos de sua filha ao apagar o lindo bolo de aniversário, ouvindo as amiguinhas cantar em coro, o clássico Feliz Aniversário.

cheiros. Deita-se tudo sobre a carne e mistura-se com pão e ovo. Formam-se bolinhos que se deitam em água quente com sal. Quando os bolinhos começam a subir à superfície estão bons. Tiram-se com uma escumadeira, e servem-se com molho branco ou de tomate.

Pudim de pão e queijo: Arrumam-se num prato que possa ir ao forno, 1 camada de fatias de pão de véspera, no qual se passou manteiga. Polvilha-se esta camada com bastante queijo ralado. Arrumam-se outra camada de fatias de pão e polvilha-se igualmente com queijo ralado e assim sucessivamente.

Despeja-se por cima 1 chávena de caldo de carne e três ovos batidos diluídos em duas chávenas de leite. Espalha-se por cima um pouco de queijo ralado e leva-se ao forno, para tostar.

Torta de Linz: 120 grs. de amendoas raladas, ovos, 120 grs. de açúcar, 120 grs. de manteiga, 160 grs. de farinha de trigo, casca ralada de um limão.

Com estes ingredientes que se misturam muito bem, forma-se uma massa. Estende-se até que tenha a espessura de 1/2 dedo. Com 3/4 da mesma, forra-se uma forma de torta redonda. Cobre-se com compota de fruta ou marmelada. Com a restante massa cortam-se tiras que se colocam por cima da torta, formando grades. Leva-se ao forno.

* * *

Sopa de vagens: Prepara-se um caldo de carne, partem-se as vagens em pequenas tiras e deitam-se no caldo, assim como algumas batatas partidas. Deixa-se ferver o caldo até as batatas ficarem desfeitas.

Tomates com molho de manteiga, noz-moscada, salsa. Cortam-se os tomates às rodelas temperam-se com sal e deixam-se descançar. Faz-se um molho de manteiga com a água que se vai formando dos tomates. Durante três minutos e antes de servir, junta-se salsa picada e noz-moscada.

Vende-se

—SCOOTER—
NSU — PRIMA
150cc — 15.800
Motor Impecável
Informa esta Redacção

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Resolvi falar-te hoje de política e começarei por aquilo a que se convencionou chamar República do Congo, outrora Congo Belga.

Independência

Este país ainda em regime tribal, e pelo qual a Bélgica muito fez, não estava preparado para a independência. Recordas-te certamente das lutas havidas ali, entre tribus rivais, como se matavam uns aos outros, por questões de «de lana caprina.» A Bélgica intervinha, restabelecia a ordem, e as coisas voltavam a correr normalmente. Contudo, estes sobressaltos entre congolezes, que julgavam ser, e queriam ser alguém, depunham contra eles, mostravam-nos como boçais selvagens, sem compreensão dos problemas da existência e sem respeito pela vida e honra alheias.

Os belgas parece terem-se deixado embalar excessivamente pelo sonho da auto-determinação; e, sem reparar na falta de experiência governativa dos negros, bem como no ódio destes contra os brancos, deram-lhes generosamente a independência, indo o próprio rei Balduino assistir à solene proclamação. Deixa-me dizer-te que, atendendo à campanha anticolonialista dos Norte-Americanos e dos Russos, pontífices da política mundial, que muitos outros governos locais copiaram e seguiram, por interesse ou inveja, e também por reverência servil aos dois azes da política e do poderio bélico, a Bélgica precisava de ser heróica para não dar a independência aos negros do Congo sob a sua jurisdição. Recordas, v. g. a batalha que Portugal teve de sustentar na O. N. U. por causa dos ataques do Iraque aos territórios ultramarinos portugueses... com as intervenções destemidas de Franco Nogueira, de Portugal, e de Donatelo Grieco, do Brasil. Portugal venceu, mas os ataques não pararam... A origem é sempre a mesma, embora algum tanto encoberta, e temos de estar preparados moral e materialmente para não sermos surpreendidos.

Depois da Independência

Disse-te que os congolezes não estavam preparados e as provas estão à vista. O que mais impressiona qualquer mortal é

ver como o governo congolês deu plena liberdade à soldadesca infrene e selvagem assistindo indiferente aos vexames de toda a ordem contra os brancos, sem interesse pela derrocada económica que isto atirava sobre o Congo. Uma coisa parecia desejar apenas: roubar, espezinhar a fazer fugir os brancos que tinham levado o progresso ao Congo. Não te parece que é esta a forma mais vulgar de pagar benefícios? O clamor do Senhor Lumumba contra as tropas belgas, que apareceram a defender os perseguidos, mostra bem as intenções deste comunista aluno distinto do sr. «K.» É o negro ódio racial e ideológico despido de sentimentos humanos.

Agora a O. N. U...

Só a França e a Itália defenderam a Bélgica no conselho de segurança. Todos os outros votaram contra a Bélgica e a favor de Lumumba. É que as opressões, roubos, violações da honra... são coisas que ficam bem ao Governo Congolês! Por isso os Estados Unidos recebem Lumumba com todas as honras, a O. N. U. condena a Bélgica a retirar as suas tropas sem qualquer reparação dos prejuízos que sofreram os belgas residentes no Congo, não respeita a liberdade de Canga e o Sr. H. voa através dos Continentes para ser agradável ao comunista Lumumba! O pior é que este senhor, como todos os comunistas, é insaciável. Já não está satisfeito com as gentilezas da O. N. U!

Estou convencido de que a O. N. U; com este modo de proceder, não satisfaz ninguém a desprestigia-se, como é natural.

Províncias Portuguesas

Há paz e ordem nas Províncias Portuguesas do Continente Negro. Por quanto tempo durará? Suponho que essa paz não será perturbada.

Contudo não podemos dormir. Parece-me que a melhor forma de prender aquelas terras a Portugal seria o seu povoamento metódico e intensivo com portugueses sérios e trabalhadores idos da Metrópole.

Dispõe do teu: J. Moreira

Visado pela Censura

Goães

Casamento

No passado dia 11 do corrente, realizou-se o casamento da menina Maria Augusta Fernandes, filha exterrênea do nosso conterrâneo e amigo, senhor António José Fernandes e de Maria Antunes, proprietários de Seramil, com o senhor João Baptista Rodrigues Saraiva, filho do nosso particular amigo, Manuel Augusto Rodrigues Saraiva e Ermelinda de Araújo Rodrigues, proprietários do lugar da Ponte desta freguesia de Goães. Serviram de padrinhos ao acto, a senhora D. Natália Arantes e o sr. Manuel António de Freitas.

O enlace foi ministrado pelo Rev. do P. e Avelino Antunes, zeloso pároco, da vizinha freguesia de Dornelas.

No fim das cerimónias religiosas foi servido um lauto banquete aos convivas em casa dos pais do noivo, onde ficaram a residir. Desejamos ao novo lar as maiores felicidades e bênçãos do céu.

Festa a S. Lourenço e Sra. do Livramento

Decorreram com grande brilhantismo as festas em honra do mártir S. Lourenço e Nossa Senhora do Livramento nesta freguesia, que tiveram seu lugar no passado dia 13 e 14 deste mês.

A procissão de velas no sábado, não foi como era o desejo de todos por não se poderem incorporar as associações religiosas com os seus estandartes, derivado aos água-ceros que deslizavam para o solo.

No domingo pelas 11 horas, missa solene e de tarde a procissão onde tomaram parte as associações, os respectivos andores e vários figurados. Contudo também se rezou o respectivo clamor de S. Lourenço, embora não começasse como era de costume na Igreja paroquial e sem a devida Banda de Música dando a resposta ao mesmo clamor.

Mas tudo correu na devida ordem.

De tarde, procedeu-se também a um cortejo de oferendas, (segrêdos) para serem arrematados em benefício da mesma festa.

Após, seguiu-se o sermão por um distinto orador sacro.

Foram queimadas muitas dúzias de fogo e muitas delas de promessas de devotos de Nossa Senhora do Livramento, que este ano teve muita concorrência.

Peça é não haver ali um sacrário com a Sagrado Eucaristia para que pudessem comungar os devotos de N. Senhora do Livramento, quando cumprem as suas promessas, que para esse fim, seria necessário

CAIRES

Nova família

No lugar da Cal, na linda vivenda do antigo Brasileiro da Cal, encontra-se a nova família do nosso bom e presado amigo Senhor António Augusto Alves, e sua Ex. ma esposa e filhos.

Vindos de Lourenço Marques onde têm realizado ali uma importante indústria de camionagem, também se encontram de visita à sua família da Cal o Senhor Agostinho Alves, a sua esposa D. Teresa da Conceição Alves e os seus terros filhinhos Carlos Alberto e Agostinho Francisco. A todos, desejamos uma longa estadia entre nós, com votos de muita saúde, progresso e felicidades.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã—a menina Maria Adelina Macedo.

Dia 22—a menina Maria Julia Russell Pereira.

Dia 23—a Sra. D. Maria Lucia Martins e o Sr. Américo Dias Pisão.

Dia 25—o sr. Narciso José Gonçalves.

Para a electrificação até Bouro

O sr. Albino Pinheiro, da freguesia de Santa Marta de Bouro, ausente em Lisboa, ofereceu a quantia de 2.000\$00 para a electrificação até Bouro.

Gesto interessante e sempre de elogiar, mórmente de um filho que quer ver a sua terra servida e engrandecida.

que ali se celebrasse a Santa missa nesses dias tão festivos e que ouvesse um cofessor para atender qualquer peregrino, pois seria uma obra das melhores para o progresso do pequeno Santuário a bem das almas.

Estudantes

Tendo feito o exame de 4.ª classe, e tendo vocação religiosa e missionária, vários candidatos ao sacerdócio da nossa terra, têm feito exame de admissão nos Seminários de Fraião, Falperra e Monatiol, obtendo plena aprovação. Os nossos briosos rapazes andam radiantes e desde já lhe desejamos um porvir encantador. Avante.

Inspeções militares

Realizaram-se em Amares as

Continua nº 4.ª página

HUMORISMO

O Revisor

—O senhor não devia fumar aqui.

O passageiro.
É o que me dizem estas senhoras...

—Não deve fumar, repito!

É o que me diz o médico!

—Queira deixar-se de brincadeiras!

Proíbo-lhe que fume!

É o que me diz minha mulher!

Na escola

Professor:—Vamos ver!

Se nesta mesa estivessem quatro moscas e eu matasse uma, quantas ficavam?

—Uma—Responderam todos os alunos.

Só uma? Que contas são essas?

—Sim, Sr. professor; ficaria unicamente a morta.

Nada que passa pela boca

Numa pensão barata, sem serviço à lista, o hóspede informa-se sobre o mesmo.

—Hoje—responde a empregada—temos batatas guisadas com língua de vaca...

—Não me serve. Não como nada que tenha andado na boca dos animais, compreende?

—Então?

—Então traga-me em vez da língua da vaca, por exemplo dois ovos...

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

As nossas Belezas e a Estrada do Gerês

Continuação da 1.ª página)

Zonas do Minho. É pois, um minhoto competente já cansado das belezas do Minho que fica extasiado perante as nossas próprias belezas, que faz o seu depoimento e lhe rende as suas homenagens.

Se o autor, para visitar aquele local e instância termal do Gerês, tivesse no entanto entrado pelo concelho de Amares, e desde a confluência dos Rios Homem e Cávado, subisse os 35 quilómetros de estrada talhada quase sempre à vista da Serra e do Rio, por entre pinhais e os seus frondosos e perfumados laranjais, deslombrou-se-lhe perante as paisagens de sonho, em ambiente paradisíaco, que a todo o momento surgem entre as duas termas de Caldelas e Gerês. Se se detivesse um pouco então podia responder à pergunta natural que logo surge «mas esta terra tão bela não tem história? Sim, tem, e vasta história».

Nesta via encontraria e avistava as termas de Caldelas, a Quinta e casa da Tapada onde viveu e morreu Sá de Miranda, o seu túmulo na Igreja de Carrazedo, a Ermida de S. Pedro Fins, donde se abraça uma paisagem que tem por limite o mar a 50 k.; O Mosteiro de Rendufe; o Castelo de Castro; as ruínas de Vasconcelos; a Ponte romana de Ponte do Porto; o Convento de Bouro; o Santuário de Nossa Senhora da Abadia; a Central de Caniçada, Barragem e albufeira; o Santuário do S. Bento da Porta Aberta; o Gerês e as belezas da sua Montanha que será amanhã um dos principais cartões turísticos, senão o principal do País.

Para isso terão de lhe ir criando as condições necessárias, e uma delas é, principalmente, a estrada.

O que se passa com ela — pois já desde a conclusão da Barragem se espera a sua reparação — é já uma vergonha Nacional.

Não faz sentido que uma Zona destas entre duas termas de categoria internacional, com uma barragem de primeira e Santuários frequentadíssimos como Abadia e S. Bento, esteja desprezada e em condições que a enterditam aos turistas.

Amares tem de insurgir-se contra tal abandono pois os prejuízos que adreem para o Concelho, são enormes.

O movimento desta estrada está a desaparecer escoando-se por vias mais longas e desertas, ma sem melhores condições, apenas nos ficando as carreiras.

Aqui fica o nosso protesto e veementemente apelo às autoridades competentes para que urgentemente seja dada satisfação a esta necessidade premente e que está a por em causa a economia dum Concelho e desta bela Região turística.

No Coração do Minho

«Do Comércio do Porto transcrevemos o seguinte:»

«Quem se dirigir ao Gerês, partindo de Braga pela excelente estrada de Chaves; e depois tome pela «Caniçada», mal tenha rodado alguns quilómetros, depara com um dos mais sugestivos e belos panoramas que há em Portugal e, se alguma vez, como o cronista, tiver visitado a Suíça, julgar-se-á transportado a qualquer margem do Lago de Quatro-Cantões. É que não há diferença. A barragem estabelecida ali em baixo, a laguna enorme que cobriu aldeias e agora vai pelas concavidades do antigo Vale desde Vilar da Veiga a S. Bento da Porta Aberta, criou um tipo de paisagem lacustre absolutamente inesperada e a nós, que a víamos pela primeira vez depois de 9 anos de ausência e de férias por outras terras, dá-nos uma sensação de transposição à terra dos Lagos e das serras gigantes.

Logo a nossa ideia nos acode este pensamento: visto, desta grande laguna enquadrada num sistema de paisagens grandiosas; com toda esta variedade de pormenor, de uma fisionomia inédita; tendo além disso, a dois passos, essas águas sem igual do Gerês; com as serras cortadas de estradas; os seus santuários famosos, as suas águas calmas, suaves, prestando-se para todos os desportos aquáticos: remo, moto-náutica, natação, «ky» aquático, etc., deste conjunto único, poder-se-á fazer uma estação de desporto, cura e veraneio, rivalizando com as mais dotadas e célebres estações congêneres existentes na Europa.

É evidente que isso não se conseguirá com a falta de iniciativa e a apatia que estão patentes e que desta nova estância criada pela mão do homem, nada fizeram e nenhum proveito tiraram até hoje. É necessário que surjam iniciativas e que surjam grandes capitais. Dizem-nos que o S. N. I. adquiriu, lá para cima da «Caniçada» uma original casa de Verão pertencente a uma particular, para dela fazer uma pousada. Nada temos que objectar à decisão. Mas todos sabemos que dessas pousadas erguidas em locais altaneiros, janelas sobre paisagens, há imensas, felizmente, em Portugal. Mas a albufeira, da «Caniçada» é um caso único em Portugal. À beleza ambiente sob o aspecto paisagístico, há que acrescentar a presença da laguna com todas as suas solicitações e utilidade. e, apenas a seis quilómetros, a estância termal do Gerês. Aí, nas margens do imenso lago artificial, aí é que fazem falta hotéis, estalagens ou pousadas. Num, em vários desses pequenos promontórios que o capricho corográfico da serra e das águas criaram por toda a margem

da represa; nas praias enombreadas, nos recantos dos pinhais, estamos a ver hotéis e pousadas tranquilas, e, na água, os barcos velozes, a juventude nadando ou divertindo-se, as grandes competições desportivas e para que disso necessitem, a dois passos, as águas milagrosas que se bebem ali em cima. Não temos a veleidade de crer que sejam as nossas palavras a mola que vai pôr em andamento os capitalistas ou o próprio S. N. I. O que pretendemos é muito mais modesto: desejaríamos que todos aqueles, que não conhecem este recanto único em Portugal; e que não tenham presenciado o espectáculo soberbo que se disfrutava sobre esta obra que criou tão magníficos motivos de encantamento, venham até cá. Que se demorem na contemplação deste conjunto de belezas paisagísticas, das vantagens que tudo isto se pode tirar.

Cremos que se irá criando esse estado de espírito que conduz aos grandes empreendimentos. Temos a absoluta certeza de que a estância da «Caniçada» do futuro, poderá ter categoria europeia poderá ser propagandeada lá fora nos seus múltiplos aspectos e facetas — de repouso, cura, excursões e desportos, — como das mais belas e bem dotadas da Europa. Depois, não deve esquecer-se de que, situada no coração do minho, ela tem ainda a singular vantagem de permitir aos seus frequentadores, se contacte com uma região de riquíssimas manifestações etno-religiosas, de festas de Verão que vão da Póvoa a Guimarães, Braga e Viana do Castelo; de permitir o estudo ou a simples curiosidade de devassar o viver estranho dos povos da Serra, como essa aldeia comunitária de S. João do Campo, esvasiado de contactos com a civilização, e onde se encontra um viver de fantásticas surpresas, onde se cantam canções que fariam corar de vergonha os «directores» de certos grupos folclóricos em quem toda a «bordoada» é pouca...

Acreditem os que nos leem: estamos a escrever com os pés bem firmes na terra e nas realidades: Portugal tem, desde há alguns anos, em plena Serra do Gerês, uma riqueza imensa por explorar. Quem escreve estas palavras tem visto e tem estado em algumas das mais célebres e declamadas estâncias de veraneio da Europa. Até hoje não encontrou nenhuma que reúna as condições que se conjugam neste rincão maravilhoso. E quem quiser, pode tirar a prova, vindo apreciar...»

TRIBUNA LIVRE é distribuída em Braga no Quiosque Central, Largo do Barão de São Martinho

CAIRES

Continuação da 3.ª página

inspecções, ficando livres os jovens António Joaquim Coelho, Luiz Alves e António Machado; esperado um, e os restantes, apurados. Honra e glória é servir a Deus e a Pátria.

Abade de Carrazedo

Foi aqui muito sentida e chorada a morte deste ilustre Sacerdote. Foi uma luz que se apagou. Deixa imensa pena e enorme saudade: o seu lugar é insubstituível; o seu funeral, grandioso; amigo dos seus colegas e de todos, não havia quem o igualasse. Des-

canse em paz, grande amigo.

Aniversários

Dia 16—P.º João Baptista Ferreira, estimado abade de Barreiros e D. Clotilde do Ceu Ferreira da Cunha, de Besteiros. Dia 17—D. Lucília Angelina Dias Paredes, de Amares, dia 19—P.º Francisco Antunes de Almeida, Zelosíssimo Reitor da Abadia, dia 21—D. Maria Rodrigues, do Bário, Amares e D. Amélia Vieira da Cunha de Além, Besteiros-Amares. A todos, os melhores votos de longa vida e felicidades.

C.

A Juventude

Numa bela roseira dum jardim,
Rebenta um botão... sai uma rosa;
Mas a roseira fica mais formosa,
Mais bela, como nunca esteve assim.

Mas vão passando as horas, vão-se os dias,
E a rosa envelhecendo, por fim cai;
Mas na roseira, nova rosa sai,
E com outras, orquestram harmonias.

Mas há uma roseira que é a vida,
Que apenas uma rosa aparecida,
Desaparece e nunca mais virá.

É a juventude esta formosa rosa
Que parece passar tão pressurosa
De que apenas saudade ficará.

J. Baptista



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO',
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES



CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 Braga

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 70

(CONTINUAÇÃO)

nástica.

Seu irmão, Jorge de Sousa de Alvim, foi prior de N. Senhora de Alqueidão da Serra, no termo de Torres-Novas, onde instituiu os morgados de *Vila Verde*, Pedrógão, Seixas e Alfeizerão que deixou aos filhos que legitimou em 1620. Também foi abade de Caires e de Santa Maria da Torre, por isso lhe chamaram «o prior das três Marias». Esta cumulação de «benefícios» não foi menos prejudicial à disciplina secular da Igreja que a história dos abades leigos.

Dos filhos legitimados, havidos em D. Francisca de Noronha, sua prima, sucedeu-lhe Henrique de Sousa de Alvim, a quem o mesmo seu pai instituiu o morgado de Vila-Chã, onde de Vila-Verde. Foi para Roma; e de três filhos, que teve de Maria Fernandes Pereira, de Prado, sucedeu-lhe D. Mariana de Sousa e Alvim, que casou em Braga com o letrado Agostinho de Faria Costa, continuando-se em seus descendentes o morgado de Vila-Verde.

Também nos de «Sousa e Alvim» se estabeleceu uma sucessão de capitães-mores de Regalados (F. Gayo, 5-6, pag. 190) por Diogo de Sousa e Alvim, filho de Fernão de Freitas que foi prior em Ponte de Lima, havido em Maria Rodrigues—a Gaia—filha de António Rodrigues e de sua mulher Catarina Gonçalves, conhecida por «Carriça de Regalados».

Tiveram os «de Barros» outras ligações com os de Castro de Carrazedo, como fosse pelo casamento de Estevão de Oliveira de Barros, baptisado na sé de Braga em 1676, com D. Brites de Sousa Machado, filha de Francisco de Sousa Machado, sargento-mór de Entre-Homem e Cávado e senhor da quinta da Bornaria, e de sua mulher D. Maria de Andrade.

Com pequena diferença de tempo, ligavam-se os Machados à casa de Vilas-Boas, em *Airó*, pelo casamento de Pedro Machado da Maia, filho de Lopo Machado de Gois, com D. Leonor Dias Vilas-Boas, filha de Diogo Anes, senhor da dita casa.

* * *

Abundam entre os de Barros os «escreventes, os tabelães e os letrados», cujo máximo expoente foi, como se referiu, o grande historiador João de Barros.

Ligados principalmente aos Abreus pelos apertados laços da família, estabeleceram do mesmo modo e com preferência, seu assento pela cidade de Viseu e seus arredores, ou andaram nas viagens do Oriente.

No entanto, a sua passagem por Entre-Homem e Cávado deixou largos vestígios já considerados e ainda mais:

É notável a homogeneidade entre os de Barros e os Barreiros, sem preposição, seja adjectivamente. Vieram finalmente a confundir-se pelo casamento de Rui Barreiros, de Seixas (que deve ter sido o primitivo solar desta família) com Maria de Barros, irmã do referido autor das *Décadas da Ásia*. Eles foram os pais do celebrado escritor Gaspar Barreiros. Assim é que adotaram o mesmo escudo de armas:—«em campo vermelho três bandas de prata, e sobre o campo nove estrelas de ouro, uma no primeiro alto, três em cada um dos do meio, e duas no fundo do escudo; timbre uma aspa vermelha e azul, uma perna de cada côr e carregadas nela cinco estrelas das armas».

A permanência dos Barros no antigo couto de Rendufe, pela posse da respectiva *comenda*, seguidamente a do senhorio destas terras, promoveu a mudança do nome de uma das suas freguesias—*S. Pedro de Triavada* (*Triana* nas Inquirições deve ter sido erro do copista) em *S. Pedro de Barreiros*.

Atenda-se à segunda parte do que se refere Montebelo a pag. 203 do seu *Memorial*, pois que a primeira é pura fantasia—trazer a Barreiros o solar de *Trava* que foi no antigo reino da Galiza:

D. Rodrigo Fernandez de Castro—o calvo, foi casado com a condessa D. Estefânia Peres, filha do conde Pedro de Trava, pelo que é de considerar que com a quinta, casa e solar de Castro parte outra (que também era dele marqués) a que chamavam Paços e que este nome não se dava senão a solares de grandes cavaleiros. Estava na freguesia de S. Pedro de Triava, ou Trava, como por corrupção veio a chamar-se, se bem que nos livros do recebimento dos votos concedidos a Sant'Iago de Galiza (em tempo do rei Ramiro I de Leão)

(Continua no próximo número)

Notícias do Gerês

Festividade em honra de Santa Eufemia

É hoje e amanhã que se realiza a festa de Santa Eufemia nestas Termas.

Vai ser muito concorrida por ser na época termal e nesta altura estarem todos os hotéis e pensões repletas de aquistas.

Pelas 8 horas fará entrada a filarmónica dos Bombeiros Voluntários de Vila do Conde e às 16 horas haverá uma linda procissão e sermão por um distinto orador sagrado D. Bartolomeu da Cunha; amanhã às 15 horas entrada de um rancho Folclórico que abrilhantará o arraial minhoto que durará até às 24 horas.

Haverá muitas surpresas e ouvir-se-ão dois cantadores afamados cantando em desgarrada.

Falta de Luz Eléctrica

Tem continuado a faltar a luz eléctrica em algumas casas dias e noites seguidas e prevê-se que é quase sempre na mesma fase. O encarregado da cabine esforça-se por reparar essas avarias mas desde que ele volta costas aparecem novamente outras avarias.

Era bom que isto não continue porque causa prejuízos e arrelias ter de se andar à procura de velas e candieiros de petróleo.

Padre Manuel Joaquim Alves da Lomba

(Continuação da 1.ª página)

nas páginas da história, ficará a recordação amarga e preocupante de terem recusado ao insigne sacerdote, ao eminente orador e cidadão vertical, a maior satisfação da sua vida, que seria também um acto de justiça a uma figura nacional—Sá de Miranda. Tinhamos, porém, esperanças, que também é certeza que o teremos presente em espírito quando realizarmos em sua morte o que não pudemos acabar em sua vida.

O Abade de Carrazedo é figura imperecível que ficará a ser lembrada para lição dos outros, boa lição de que no concelho se precisa.

Foi na passada quarta-feira, cerca das 16 horas, em sua residência, que faleceu. O seu funeral constituiu, como não podia deixar de ser, manifestação muito sentida.

Atente-se, porém, no alto significado da última homenagem que lhe prestou o povo simples da sua paróquia. Nas lágrimas, no choro convulso, no adeus imprecionante de tristeza e dor a que não estamos habituados.

Também aqui queremos deixar a expressão mais viva e mais sentida da dor profunda que este pensamento nos causou e quanto nos sentimos honrados por termos sabido ser sempre admiradores intransigentes das suas altas qualidades. Paz à sua alma.

Celebrações Henriquinas

(Continuação da 1.ª página)

lismo, antes é consequência deles. A sua verdadeira raiz, aprumada e mestra, mergulha-se profundamente, e quase a perder de vista, no solo fecundo da Lusitanidade.

Aí manifestou-se já exuberantemente, com características muito diferentes dos velhos e extintos reinos de Oviedo, Galiza ou Aragão, sucessivamente integrados por simples enlaces de famílias reinantes no potentado de Castela.

O repto de 1385 foi-lhe lançado já numa idade perfeitamente adulta e consciente das razões da sua existência e da grandeza da missão que tinha de cumprir, uma vez que, até então de costas para o mar, se decidiu a voltar se para ele, olhá-lo e medi-lo com desassombro. O nacionalismo português era já extraordinariamente viril e fecundante, de maneira a poder imprimir na alma de povos ignorados os sinais da vida que distingue o verdadeiro ser humano dos habitantes da selva. Por isto se diz que Portugal «deu à luz novos mundos ou novos mundos ao mundo».

Honra-se a Mãe-Pátria eno-

brece-se os filhos de pertencerem a uma Unidade ou *Como-unidade* familiar que, de modo tão singular, se estendeu pelas diferentes partes da Terra.

Cansada, debilitada e exânque de produzir autênticos gigantes, que às diminutas proporções da pequena estatura física da Mãe-Pátria devem o ser, não foi então difícil amoldar a voz outrora gritante de patriotismo e valentia nos campos de Ourique e Aljubarrota.

Foi ainda ocasião de despedaçarem os laços mal consolidados da grande Família Lusa; arrebataram-lhe filhos gerados e criados pela mesma paixão e sacrifício postos na dilatação da fé e do império. As mãos de nações madrástas, que os não viram nascer, nunca dispostas a empenhar por eles o sangue e a vida, nos sacrifícios sem conta a que se expõe, por naturais preconceitos, a verdadeira maternidade, tem-se-lhes largado antes a rédea solta que originou a eufória dos nacionalismos modernos e se contrapõe, pura e simplesmente, aos princípios fundamentais da obra de civilização e cristianização logo definida e empreendida pelos Portugueses de Quinhentos.

Estrela Perdida

Eu tive uma Estrela de luz mui brilhante
Que qual Diamante, segui com fervor.
Nunca a Terra vira jamais outra estrela
Tão pura, tão franca, tão meiga, tão bela,
Tão alva, tão santa, tão cheia de amor!

Segui-a de perto, caí-lhe nos braços,
Em ternos abraços me apertou ao seio.
Beijou-me em assomos de santa loucura
Tão franca, tão meiga, tão alva, tão pura,
Tão cheia d'alvura, tão p'rene d'enleio.

Seus lábios tão puros, tão meigos, tão Santos,
Quando eu em prantos, colava nos meus.
Qual Anjo da Guarda, qual luz d'alvorada,
Momento a momento me acompanhava
Co'a luz dos seus olhos que era a luz de Deus?!!

E agora distante, distante e sozinho,
Não vejo o caminho nem a luz do além!
Em vão A procura no agreste caminho,
Como louco, louco, como pobrezinho,
Aquele que em vida fôra Minha Mãel

Prado, Agosto de 1960

Gota d'Orvalho.

Agência Funerária

DE

MANUEL DA CUNHA

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruces e todos os serviços deste género

Sempre grande depósito de luxuosas urnas

No seu próprio interesse consulte esta casa em
COUCIEIRO—VILA VERDE

Tratados de papel e tratados de coração

(Continuação da 1.ª página)

tos da Terra, a Comunidade Lusó-Brasileira repousa firmemente numa só fé, numa língua, numa cultura, numa sociedade multi-racial, em que todos os homens de todas as raças se encontram para afirmarem bem alto e com orgulho a igualdade da pessoa humana.»

A estas palavras do Presidente português responderia o Presidente brasileiro ao inaugurar o Monumento dos Descobrimentos: «Falo em nome da América Portuguesa e que será portuguesa enquanto o Brasil for Brasil»; e nesse mesmo dia, ao receber no Palácio de Queluz o Chefe do Estado de Portugal para lhe testemunhar a sua gratidão, para louvar o povo do velho solar lusitano, para enaltecer aquilo a que chamou a dupla estrutura de estadista e pensador político do professor Oliveira Salazar, teria ensejo de acentuar melhor os seus sentimentos, deixando falar a alma num ímpeto irreprimível:

«Desejaria que o meu pensamento, através destas derradeiras palavras que pronunciei em terra de Portugal, abrangesse todo o mundo lusitano, na Europa, na África, na Ásia, na Oceania, na América, nas ilhas, em qualquer sítio onde pulsa em humano coração o inestimável privilégio de pertencer à forte raça de que proveio a minha raça.»

Nas transcrições feitas fica a essência dos discursos que os dois Chefes de Estado trocaram durante a breve estadia do dr. Kubitschek de Oliveira em Portugal; fica a súpula das torrentes de palavras que se proferiram, em Lisboa, em Coimbra, no Porto, em todos os sítios onde esteve o Presi-

dente do Brasil; fica a imagem escrita do espírito que pairou em Sagres, do ambiente carinhoso que em todos os momentos rodeou «J.K.», da irradiante simpatia que o fundador de Brasília tão pródigoamente distribuiu à sua volta.

O nível em que habitualmente decorrem estas visitas de Chefes de Estado, mesmo quando caracterizadas pelas melhores relações diplomáticas e pelo maior entusiasmo popular, ficou desta vez muito aquém da realidade. Tanto assim foi, tão emotivo e vibrante se mostrou de parte a parte este encontro entre os dois povos irmãos, que quase passou despercebida a assinatura pelo Chanceler Lafer e pelo Ministro Marcello Mathias de seis importantes acordos luso-brasileiros — as convenções sobre dupla nacionalidade e sobre representação diplomática e consular, os acordos sobre turismo e sobre

vistos de passaportes, o tratado de extradição e cooperação judiciária em matéria penal e ainda a convenção sobre a assistência judiciária gratuita.

Representam estes acordos as primeiras efectivações jurídicas do Tratado de Amizade e Consulta, o começo da concretização da Comunidade Lusó-Brasileira. A impressão moral resultante da visita do Presidente Kubitschek de Oliveira, da sua presença física, do seu próprio sorriso, paira, contudo, neste momento, acima de todas as convenções, de todos os tratados. E, enquanto essa impressão moral se não dissipar, ninguém pensará em comentar ou discutir o texto legal dos documentos já assinados ou que falta ainda assinar. Neste momento, o Tratado de Amizade e Consulta não é nem pode ser um papel escrito: — é, na verdade, uma espécie de coração apaixonado.

LEGIÃO PORTUGUESA

Continuação da 1.ª página

e do Comando Geral foi afirmado que não se admitia que «os serventários das autarquias locais, dos Organismos Corporativos e de coordenação económica» não estivessem nas suas fileiras e, no final, perguntava-se: «quais serão os que recusam a acompanhar-nos?». Gostávamos de saber quantos já responderam a este chamamento directo, isto simplesmente, porque sempre estranhámos a presença e admissão duns quantos — devem ser a maioria — em lugares de conduta opostos aos princípios que

professam em prejuízo daqueles que professam os princípios corporativos e os defendem, e se na realidade são dos esquerdistas como se afirma pelos arraiais nacionalistas.

Por tudo achámos muito bem que aos legionários seja dada uma destacada preferência, mas havemos de ver que, como até aqui, se continuarão a abrir facilmente determinados sectores da vida pública a indivíduos que unicamente os desacreditam e lhe são opostos pela formação e conduta, porque o compadrio é muito capaz de passar o certificado mais nacionalista ao próprio diabo.

As Festas em honra de N. S. da Abadia

(Continuação da 1.ª página)

com uma peregrinação. Cerca das onze horas, chegou ao Largo do Mosteiro a peregrinação, grandiosa e recolhida, que havia saído de Bouro e a qual era presidida pelo Senhor Arcipreste e acompanhada por todo o clero do arciprestado, Pias Uniões, Juventudes, Cruzadas, etc, bem como milhares de peregrinos.

Dirigiu a alocução o reverendo dr. Américo do Couto, seguindo-se depois a missa campal celebrada pelo Reverendo Padre Francisco Antunes de Almeida, capelão do Santuário.

Ao almoço, oferecido pela Confraria presidiu o sr. dr. Eduardo Gonçalves, presidente do Município que se fazia rodear pelo sr. Conego Arlindo Ribeiro da Cunha, Juiz da Confraria, Dr. José Fernandes, médico, Dr. João Baptista de Sousa Fernandes e Asdrubal de Oliveira, vereadores, dr. Camilio de Sousa Fernandes, assistente da faculdade de Medicina do Porto, membros da Mesa e to-

do o clero do arciprestado. À tarde realizou-se uma grandiosa procissão em que se incorporaram milhares de fieis, organismos religiosos com os seus estandartes o qual seguiu por entre filas compactas de povo que presenciou este acto religioso com a maior fé.

Sob o pálio, conduzindo o Santo Lenho, seguia o Rev. Padre Américo Augusto dos Santos Martins, da paróquia de Friande, Povoia de Lanhoso, seguido pelo presidente do Município e toda a Câmara e demais autoridades, membros da Confraria, etc.

Findos os actos religiosos seguiram-se os concertos dados pelas Bandas de Música que se alongaram até às 24 horas.

É com o maior agrado que verificamos o aumento de concorrência que de ano para ano se verifica na Festa de Nossa Senhora da Abadia índice seguro de que o velho Mosteiro Mariano de gloriosas tradições poderá regressar, como é vontade de todos, aos seus tempos gloriosos.

Casa de Pasto «A Petisqueira»

Almoços, Jantares, Petiscos servidos com os melhores vinhos verdes, tinto e branco da região

Grande esplanada em recinto próprio, onde se servem as mais frescas cervejas, laranjadas e águas minerais

PREÇOS MÓDICOS

Largo Dr. Oliveira Salazar-Telefone p. f. 62113

AMARES

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

16 — D. Augusta de Sousa Pires foi casada com António Marques Rego, sem geração.

Este António Marques Rego fora casado, em primeiras núpcias, com D. Helena Augusta Marques, de quem houvera os seguintes filhos:

— António Marques Rego, do mesmo nome do pai, nasceu em Braga, à Senhora-a-Branca, freguesia de S. Victor.

— Augusto Justiniano Marques Rego, igualmente nascido em Braga, a 8 de Janeiro de 1878, farmacêutico estabelecido em Amares onde foi Administrador do concelho, Presidente da Câmara e da União Nacional, tendo prestado durante longo e crítico período político relevantes serviços, foi recentemente homenageada a sua memória. Faleceu, sem geração, no dia 24 de Maio de 1940, na Feira-Nova, de Ferreiros, em Amares e deixou viúva D. Adelina Feio Soares de Azevedo Fajardo Marques Rego, filha do General e engenheiro militar Joaquim da Costa Fajardo e de D. Júlia Feio Soares de Azevedo Fajardo.

— Branca das Neves Marques Rego, solteira, residente em Vila-Verde onde desempenhou o cargo de Directora do antigo hospício local.

16 — João Maria de Sousa, nasceu a 8 de Abril de 1857 — § 4.º

16 — António Maria de Sousa Lobo, Secretário que foi da Câmara Municipal de Vila-Verde, casado com D. Teresa Maria Rodrigues Veiga, com geração, em Rendufe. § 5.º

16 — Agostinho Pires de Sousa que morreu, sem geração.

16 — D. Carolina Amália de Sousa Lobo de Oliveira, que segue.

16 — D. Mariana de Sousa e Silva, casada com João António da Silva, de Geraz do Lima, com geração. § 6.º

16 — D. Teresa, que morreu

16 — D. Júlia, que morreu.

16 — D. Carolina Amália de Sousa Lobo de Oliveira nasceu em Lanhezes, professora em Santa Marta de Portozelo; casou com José Maria Torres de Oliveira, filho de José de Oliveira Barbosa e de Maria Josefa da Torre.

17 — Carlos Alberto de Sousa Lobo de Oliveira, nasceu a 22 de Dezembro de 1895, que segue.

17 — D. Maria Clara de Sousa Lobo de Oliveira, que faleceu.

17 — D. Cacilda de Sousa Lobo de Oliveira, casada com Aarão Rodrigues de Carvalho, com geração.

17 — Carlos Alberto de Sousa Lobo de Oliveira, Secretário do Supremo Tribunal Administrativo; de seu nome literário Carlos Lobo de Oliveira, formado em Director. Casou com D. Maria Judith Carneiro da Fonseca, filha de João Mendes Lança da Fonseca e de D. Ana Raquel Carneiro da Fonseca; neta pelo lado paterno de José Lúcio Carneiro da Fonseca e de D. Maria José Gonçalves Lança e pelo lado materno do Dr. José Virgolino Carneiro de Vasconcelos e de D. Mariana Palmira Poças da Mata.

18 — Rui Manuel da Fonseca Lobo de Oliveira, oficial miliciano em Nampula (Moçambique)

18 — Luís Manuel da Fonseca Lobo de Oliveira, quintanista no Instituto Superior Técnico

18 — João Manuel da Fonseca Lobo de Oliveira, também estudante do I. S. T.

§ 2.º

12 — António Manuel Rebelo Lobo, filho de António Rebelo Lobo e de Maria Lopes de Castro, casou em 1761, 28 de Novembro, em Ribeiro, com D. Maria do Espírito.

(CONTINUA)